

COMUNIDADE SURDA INDÍGENA PAITER SURUÍ: MAPEAMENTO DE SINAIS NO AMBIENTE ESCOLAR

Paiter Suruí indigenous deaf community: mapping signs in the school environment

Rosiane Ribas de Souza Eler¹
Juliana Isabel R. de Carvalho²
Joaton Suruí³

RESUMO

A pesquisa objetivou mapear os sinais utilizados por surdos indígenas que se comunicam por meio de sinais próprios. O mapeamento dos sinais foi na perspectiva da identidade cultural presente. A opção metodológica utilizada foi a das pesquisas pós-críticas em educação que acreditam ser possível pesquisar sem um método previamente definido, fundamentada nos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos. Os resultados foram o registro de sinais criados para suprir a necessidade de comunicação intrínseca a todo ser humano.

ABSTRACT

The research aimed to map the signals used by indigenous deaf people, who communicate and through their own signals. The mapping of the signals was from the perspective of the present cultural identity. The methodological option was that of post-critical research in education that believes that it is possible to research without a previously defined method, based on Cultural Studies and Deaf Studies. The results were the recording of signals created to

¹ Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Ji-Paraná, RO, Brasil; rosiane.ribas@unir.br.

² Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, RO, Brasil; julianausabel@gmail.com.

³ Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Cacoal, RO, Brasil; pagatergapgir@gmail.com.

PALAVRAS-CHAVE

Registro de sinais; Sinais indígena; Identidade cultural.

fulfill the need of communication intrinsic to every human being.

KEYWORDS

Signal recording; Indigenous signs; Cultural identity.

Introdução

A pesquisa com indígenas surdos encontra-se em estágio inicial no Brasil, são poucos os pesquisadores que se arriscam a pesquisar essa área. A motivação para esta pesquisa surgiu de minha condição de pesquisadora da educação de surdos. De repente me deparei com a realidade indígena: se as lutas por reconhecimento da cultura e identidade surda já eram travadas diariamente em minha vida, agora estava diante do povo surdo indígena. Realidade antes nem imaginada, que surgiu quando ministrava aulas na disciplina de Libras no curso de Educação Intercultural⁴ na Universidade Federal de Rondônia. Durante as aulas foi compartilhado pelos acadêmicos professores em uma escola indígena a existência de um grupo de indígenas surdos na localidade em que se realizou a pesquisa. Ao se reconhecer a necessidade de auxiliar os alunos indígenas surdos, surgiu então a pesquisa, com o objetivo de verificar se eles utilizavam a língua de sinais, e mapear os sinais criados por eles para comunicação, com o olhar voltado para a valorização cultural na identificação dos sinais.

Esse artigo é um recorte da minha dissertação de mestrado, e tem o objetivo de divulgar a pesquisa feita com um grupo de indígenas surdos que se comunicam através de sinais próprios. O estudo dos sinais criados por esse grupo de surdos para comunicação no dia a dia priorizou a questão cultural encontrada nos sinais. A pesquisa buscou mapear os Sinais Paiter Suruí de alunos indígenas surdos utilizados no contexto da educação escolar indígena na aldeia Gapgir, na Terra Indígena Sete de Setembro, município de Cacoal, Estado de Rondônia. O sentido da palavra “mapear” está fundamentado em Biembengut

⁴ Curso superior ofertado aos professores indígenas no Campus de Ji-Paraná - UNIR/RO.

(2008), como forma de dar sentido às informações e à realidade pesquisadas, registrando as informações e, se necessário, intervindo para melhorar a vida do grupo pesquisado.

Durante a pesquisa observou-se que o relacionamento dos indígenas surdos no ambiente escolar acontece normalmente, eles se relacionam entre si e também alguns dos ouvintes se comunicam com eles de forma básica. Em uma das aulas, os alunos estavam desenhando um mapa, observei um aluno ouvinte que sinalizou para o surdo que era para pintar com lápis de cor, com um sinal próprio, diferente da Língua de Sinais Brasileira, mostrando que eles criam sinais para a comunicação.

A pesquisa foi fundamentada pelo referencial teórico dos Estudos Culturais e nos Estudos Surdos de valorização da cultura e identidade surda, sustentados por autores como: Stuart Hall (2003), Tomaz Tadeu da Silva (2009), Biembengut (2008). Entre os autores da área da surdez, temos Felipe (2007), Strobel (2016) Leite e Quadros (2014). Sobre a teoria metodológica: Dagmar Estermann Meyer e Marlucy Alves Paraíso (2012) nos deram aporte teórico na metodologia de pesquisas pós-críticas em educação, entre outros.

A opção metodológica esteve firmada nos paradigmas das metodologias de pesquisas pós-críticas de Meyer e Paraíso (2012), que direcionaram minhas reflexões sobre as estratégias usadas para cumprir o objetivo da pesquisa, de fazer o mapeamento dos Sinais Paiter Suruí (SPS) com base na cultura local e na identidade surda no ambiente escolar. Trata-se de uma abordagem relacionada aos processos próprios da educação escolar indígena na construção dos sinais, segundo as autoras, pensando formas de se redesenhar diversas estratégias de pesquisas ligadas ao momento atual que está se vivendo e pesquisando, tendo como pressupostos os Estudos Culturais pós-críticos e os Estudos Surdos.

O registro das variedades de línguas de sinais do Brasil está fundamentado nas pesquisas de Leite e Quadros (2014), que afirmam a importância do registro dessas línguas de sinais de grupos distantes dos grandes centros urbanos, particularmente dos indígenas, que contribuem para que essas línguas não desapareçam.

Alternativamente, surdos e ouvintes usuários de língua de sinais nativas correm um risco real de ver a língua desaparecer quando confrontados com a existência de uma língua de sinais nacional. Esse risco provém de uma visão de que aquilo que provém dos

grandes centros é melhor do que aquilo que provém das pequenas comunidades [...] todas as variedades de línguas de sinais utilizadas no Brasil necessitam de um projeto de documentação e vitalização. (LEITE; QUADROS, 2014, p. 19).

Nas línguas espaços-visuais ou línguas de sinais nativas acontece o mesmo fenômeno de desaparecimento que ocorre nas línguas orais – casos em que uma língua majoritária suprime uma minoritária pelos processos de poder social que uma exerce sobre a outra. PDAí a importância do registro dessas línguas para a conservação do patrimônio histórico e cultural dessas comunidades.

1 Materiais e métodos

O presente estudo teve como opção os paradigmas das metodologias de pesquisas pós-críticas de Meyer e Paraíso (2012), que acreditam ser possível pesquisar sem um método previamente definido, de modo que não se despreze o que já foi produzido em outras teorias e tempos, mas com o traçado de novos caminhos, o redesenho de novas estratégias de pesquisas ligadas ao momento atual em que está se vivendo e pesquisando:

Temos como premissa, em primeiro lugar, que esse nosso tempo vive mudanças significativas na educação porque mudaram as condições sociais, as relações culturais [...] mudaram as pedagogias e os modos de ensinar e aprender. (PARAÍSO, 2012, p. 26).

O que já foi pesquisado usa-se como pressuposto e premissas da pesquisa na metodologia pós-crítica. Neste momento nos deparamos com o diferente, nesse caso, um grupo de indígenas surdos distantes de outras comunidades surdas, e que a seu modo criou uma forma de se comunicar levando em conta características que os identificam enquanto grupo surdo – os recursos visuais – que almejam ser educados em sua especificidade linguística, com as premissas das pesquisas pós-críticas:

Juntamo-nos em nossas investigações a todos esses/as “diferentes” e buscamos maneiras de encontrar/formular linguagens no território da pesquisa educacional para abordar suas lutas, seus saberes e suas experiências. (PARAÍSO, 2012, p. 27).

Tendo em mente que os tempos são outros, é imperativo que precisemos sair do lugar comum, de conforto, e ir em busca de outros lugares, outras comunidades com as mais diferentes necessidades, para contribuir com nossas pesquisas nesses ambientes numa troca de experiências em que entre o pesquisador e o

grupo pesquisado não haja hierarquia, mas um coletivo educador na contribuição para novas práticas.

As pesquisas pós-críticas prezam a valorização da diferença, que deve ter um lugar privilegiado, ser divulgada e propagada nas pesquisas (PARAÍSO, 2012).

Com essas duas últimas ideias sobre o discurso e diferença, Silva (2009), em sua obra *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*, pontua: “Para a concepção pós-estruturalista, a diferença é essencialmente um processo linguístico e discursivo. A diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida” (SILVA, 2009, p. 87). Com essa observação, exterioriza pressupostos dos Estudos Culturais que não se resumem a um único caminho de conhecimento a percorrer.

Os Estudos Culturais tiveram uma grande diversidade de trajetórias: muitos seguiram e seguem percursos distintos no seu interior; foram construídos por um número de metodologias e posicionamentos teóricos diferentes, todos em contenção uns com os outros. [...] Sim, consiste num projeto aberto ao desconhecido, ao que não se consegue ainda nomear. (HALL, 2003, p. 201).

Para essas perguntas de pesquisas não sabemos se chegaremos a alguma resposta, por isso argumentamos, contestamos, criamos estratégias que fazem da metodologia pós-crítica e dos Estudos Culturais mundos a serem descobertos, que trazem a busca pela descoberta. Hall em uma de suas obras comenta: “Quero sugerir uma metáfora diferente para o trabalho teórico: uma metáfora de luta, de combate com os anjos. A única teoria que vale a pena reter é aquela que você tem de contestar, não a que você fala com profunda fluência” (2003, p. 204).

A partir desses pressupostos, a presente pesquisa pode ajudar a definir um modo inovador de registrar os SPS como uma possibilidade de identificar as marcas da identidade cultural presente nas configurações dos sinais pela comunidade surda indígena. Dessa maneira, buscou-se mapear os SPS com análise dos ícones presentes nos processos de comunicação de expressão com base nos paradigmas da etnolinguística, que reconhece as relações entre língua e visão de mundo a partir do contexto em que a língua é produzida.

[...] procura estabelecer relação entre linguagem e cultura. A linguagem, característica universal do homem, é eminentemente social, estando intimamente relacionada com a cultura. Através dela, todas as concepções do mundo são levadas ao homem. (LIMA BARRETO, 2010, p. 02).

Na metodologia de pesquisa pós-crítica, construímos nossos caminhos de análise de maneira a criar um modo inovador de direcionar as pesquisas, para que as trajetórias contemplem os objetivos e os questionamentos formulados a partir do *corpus* da investigação.

O mapeamento dos sinais indígenas foi relacionado ao ambiente escolar na aldeia Gaggir com um grupo de sete indígenas surdos (duas crianças e cinco adolescentes) que estudam na Escola Sertanista José do Carmo Santana. Esses indígenas estão distantes da comunidade surda mais próxima, com pouco contato com essa comunidade, têm criado seus sinais, denominados nesta pesquisa de Sinais Paiter Suruí (SPS). Considerando que a língua de sinais é a primeira língua desses indivíduos, os sinais criados por eles para comunicação têm sido sua primeira língua? O bilinguismo tem sido parte dos processos educacionais de que esses alunos fazem parte? Pedreira (2011, p. 03), sobre o bilinguismo para surdos, comenta:

[...] o bilinguismo para surdos/as, desenvolvido a partir da década de 80, considera que a língua de sinais é a primeira língua do surdo/a e a segunda língua é a língua majoritária da comunidade em que está inserido/a. Para o autor, a língua portuguesa passa a ser vista como uma segunda língua, como uma língua instrumental cujo ensino objetiva desenvolver no/a aprendiz habilidades de leitura e de escrita.

No caso dos índios surdos, a língua oral falada na aldeia ocuparia o lugar de segunda língua, lugar que o português escrito ocupa para o surdo brasileiro que usa a Libras. O autor comenta ainda que “[...] a perspectiva de uma educação bilíngue bicultural não se limita a aspectos linguísticos, psicológicos e pedagógicos, mas implica em questões sociais, políticas e culturais”. (PEDREIRA, 2011, p. 4). Assim a valorização da cultura, no caso desta pesquisa a dos indígenas Paiter Suruí na constituição dos sinais, precisa ser respeitada tanto ao se fazer o registro como no ambiente escolar e social da aldeia.

Na primeira fase, a pesquisa utilizou como procedimento metodológico a realização de observações participantes no contexto da escola indígena, para ver como ocorrem os processos de interação de comunicação e expressão dos alunos indígenas surdos com seus colegas de sala e professores.

Em seguida foram selecionadas as palavras que foram organizadas previamente em duas categorias: ambiente escolar e animais do contexto cultural. A escolha das categorias foi construída a partir do ambiente da escola,

pensando-se palavras que tivessem relação com o meio escolar e cultural do qual os alunos fazem parte. Com base nessas categorias, o próximo passo da pesquisa foi o registro dos sinais utilizados pelos indígenas surdos nos processos de comunicação e expressão das palavras. Para os registros dos sinais produzidos, foram utilizadas gravações de vídeos dos alunos indígenas surdos fazendo os sinais. Para que isso ocorresse foram promovidos encontros com eles, e por meio de jogos e imagens verifiquei se eles identificavam e sinalizam as palavras das categorias escolhidas com base na cultura e identidade Paiter Suruí. Posteriormente esses vídeos foram reproduzidos sinal por sinal por uma acadêmica surda do curso de Letras Libras de Porto Velho. Depois de filmados e fotografados, foram desenhados pela acadêmica surda Suzana Frota, também do curso de Letras Libras de Porto Velho.

2 Resultados

Foi a partir dos pressupostos da etnolinguística que não analisa o fato linguístico isoladamente, mas sempre relacionado ao contexto em que ele foi produzido, que foi feito o mapeamento dos Sinais Paiter Suruí, com vistas a mostrar que a comunicação criada por esse grupo de adolescentes indígenas surdos, que chamo de SPS, está baseada na necessidade de comunicação intrínseca a todo ser humano e que não está dissociada do ambiente em que eles vivem. Os sinais criados por eles trazem as marcas culturais, os costumes a que estão expostos no seu ambiente de interação social.

2.1 Representação dos sinais

Para a constituição de um sinal nas línguas de sinais, é necessário que o sinal passe por uma organização. Felipe (2007) afirma sobre a formação dos sinais:

Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com um determinado formato em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Estas articulações das mãos, que podem ser comparadas aos fonemas e às vezes aos morfemas, são chamadas de parâmetros. (FELIPE, 2007, p. 21).

Na Libras temos como parâmetro a configuração de mãos, as posições das mãos, o ponto de articulação, o local em que a mão está se movimentando, ou seja, o espaço em frente ao corpo ou em alguma parte do corpo,

o movimento, que é o movimento ou não da mão, a orientação/direcionalidade para onde vai essa mão e as marcas não manuais, as expressões corporais e faciais (FELIPE, 2007). Esses parâmetros que estão presentes nos sinais da Libras também estão presentes nos SPS.

Os sinais apresentaram:

- Empréstimos linguísticos da Libras:



Figura 1 – Escola

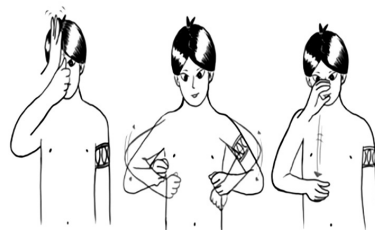


Figura 2 – Galo

Fonte: Ilustrado por Suzana Frota, 2017.

O sinal de “escola” criado pelos indígenas surdos mostra a influência da Libras na criação dos Sinais Paiter, que acontece pelo trabalho de um instrutor surdo que faz um projeto na aldeia com os alunos indígenas surdos. Então, para “escola” como conceito eles sinalizaram “casa em que se aprende”. E para o sinal de “galo” sinalizaram o sinal de “galinha” em Libras e depois o ícone de “asas” e “bico”.

- Iconicidade



Figura 3 – Estilingue



Figura 4 – Prova



Figura 5 – Banheiro

Fonte: ilustrado por Suzana Frota, 2017.

Observa-se a presença da iconicidade, por exemplo, na descrição da ação feita pelo objeto ou do próprio objeto, sendo essa uma das marcas da cultura visual do sujeito surdo, que caracteriza a identidade surda. Essa caracterização esteve presente no sinal de “prova” em que os indígenas surdos criaram com o ícone de correção o do movimento da “água” na hora da descarga para o sinal de “banheiro”. Costa (2014, p. 86) diz: “Sabemos que as línguas de sinais não fazem uso da dimensão sonora, então elas devem explorar ao máximo a iconicidade e produtividade de configurações de mão [...] para produzir inúmeros sentidos”. Corroborando, Teixeira afirma: “Por ser uma língua de modalidade visual espacial, a iconicidade está presente em grande parte dos sinais da Libras, pois a relação entre a ‘forma’ e o ‘sentido’ é mais visível (TEIXEIRA, 2017, p. 02)”.

- Marca da cultura Paiter Suruí



Figura 6 – Homem Paiter

Fonte: ilustrado por Suzana Frota, 2017.

Quando foi feito o sinal de “homem Paiter”, eles trouxeram a marca da cultura Paiter, na forma em que são feitos a pintura e os adereços usados pelo homem Paiter.

- Dramatização do animal



Figura 7 – Peixe **Figura 8** – Arraia

Fonte: ilustrado por Suzana Frota, 2017.

Strobel argumenta sobre a criação de sinais por grupos de surdos distantes de outras comunidades, dizendo que esses sujeitos “[...] procuram entender o mundo através de experimentos visuais e procuram comunicar-se apontando e criando sinais” (2016, p. 52).

- Sinal acompanhado com um som

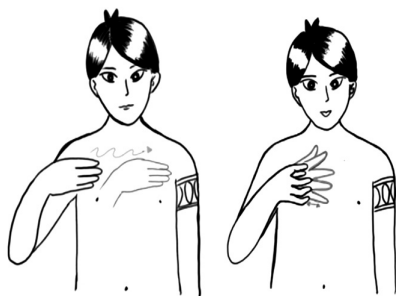


Figura 9 – Peixe elétrico

Fonte: ilustrado por Suzana Frota, 2017.

Para “peixe elétrico”, um dos indígenas surdos sinalizou com o sinal de “peixe” acompanhado com um “som de chiar” e a mão com movimento de abrir e fechar, como se estivesse representando o som do choque elétrico. Nos sinais da Libras, tem-se esse acompanhamento de som juntamente com o sinal, como é o caso do sinal de moto, helicóptero, “[...] há sinais em que sons e expressões faciais complementam os traços manuais como os sinais de helicóptero e moto” (FELIPE, 2007, p. 23).

- Expressões faciais



Figura 10 – Paca

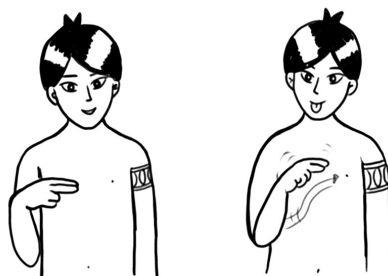


Figura 11 – Cobra

Fonte: ilustrado por Suzana Frota, 2017.

As expressões faciais que a autora cita também são uma característica encontrada nos SPS, principalmente nos sinais dos animais roedores como a “cutia”, a “paca” e o “rato” em que expressões não manuais complementam o sinal. No sinal da “paca” tem-se o ícone dos dentes por ser um animal roedor e essa característica é marcante na apresentação do sinal; no de “cobra”, também, a língua para fora complementa o sinal.

• Sinais compostos

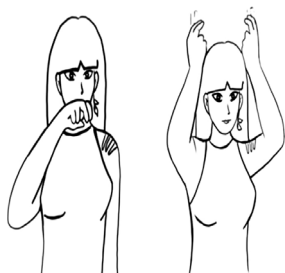


Figura 12 – Cutia

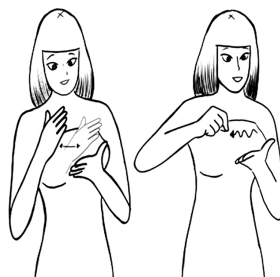


Figura 15 – Caderno

Fonte: ilustrado por Suzana Frota, 2017.

No sinal de “cutia”, foi simbolizado o formato dos dentes do animal, uma característica utilizada no sinal da Libras, com o acréscimo de outro sinal marcando as orelhas, exemplificando os sinais compostos e também no sinal de caderno. Na Libras temos o uso de sinais compostos, como é o caso de “zebra” em que se usa “CAVALO^LISTRA”, algo que ocorre quando se usam dois ou mais sinais para representar um único conceito: “Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa” (FELIPE, 2007, p. 24).

• Arbitrariedade



Figura 16 – Galinha

Fonte: ilustrado por Suzana Frota, 2017.

A arbitrariedade acontece quando não há nenhuma relação entre a forma e o significado [...]. Dada a forma, é impossível prever o significado, e dado o significado, é impossível prever a forma” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 26), como aconteceu no sinal de “galinha”.

Assim, os resultados dos sinais mapeados identificaram traços comuns atribuídos às línguas em geral e entre elas as línguas de sinais: ‘marca da cultura Paiter Suruí’ nos sinais de homem Paiter, que no sinal é marcado com a forma da pintura cultural usada pelo homem. Em um outro sinal que observei durante a produção de dados, foi sinalizado pelas meninas o sinal de coco tendo como referente o anel que elas confeccionam artesanalmente, e os meninos, sinalizaram a forma como eles tiram o coco do coqueiro. Na identificação dos sinais esteve presente a iconicidade, a arbitrariedade, sinais compostos bem como empréstimos linguísticos como ocorre em qualquer outra língua.

Considerações finais

A presente pesquisa de Mapeamento dos Sinais Paiter Suruí de Rondônia no ambiente escolar nos possibilitou fazer parte dos registros de línguas de sinais de grupos distantes dos grandes centros urbanos espalhados pelo Brasil que, para cumprir a função da comunicação que é natural e inata a todos os seres humanos, criaram seu próprio modo de se comunicar, como é o caso do grupo de indígenas surdos que, distantes de outras comunidades surdas, criam seu próprio código intrínseco de comunicação. Fazem um trabalho com línguas até então desconhecidas do grande público, mas que revelam a criatividade e organização dos indivíduos em sua sinalização. Conforme Leite e Quadros (2014), o registro dessas variedades de línguas de sinais é importante para que se preserve o patrimônio histórico-cultural dos surdos do Brasil, sejam eles brancos, índios ou quilombolas.

“As diferentes variedades de línguas de sinais do Brasil necessitam ser reconhecidas como legítimas, estudadas e promovidas como um bem intrínseco revelador da riqueza e diversidade da experiência cultural brasileira”. (LEITE; QUADROS, 2014, p. 16).

Esta pesquisa contribuiu para estudar esse pequeno grupo de surdos que estão afastados dos grandes centros urbanos, conforme os autores Leite e Quadros (2014) reforçam ao tratar da importância de as línguas nativas e originais serem pesquisadas e reconhecidas como legítimas, pois cumprem a necessidade linguística de um grupo de pessoas.

REFERÊNCIAS

BIEMBENGUT, M. S. *Mapeamento na pesquisa educacional*. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2008.

COSTA, V. H. S. da. Gestualidade e iconicidade nas línguas naturais: a configuração de mão da Língua Brasileira de Sinais. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M.; LEITE, T. de A (Orgs.) *Série Estudos de Língua de Sinais*. Florianópolis: Insular. 2014, v. II, p. 79-102.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. *LIBRAS em Contexto*. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006. Livro do Professor. Disponível em: <http://LIBRASemcontexto.org/Livro_Professor/Professor_MEC2007.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2015.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LEITE, T. de A.; QUADROS, R. M. Língua de Sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M.; LEITE, T. de A. (Orgs.) *Série Estudos de Língua de Sinais*. Florianópolis: Insular. 2014, v.II, p. 15-28.

LIMA BARRETO, E. R. Etnolinguística: pressupostos e tarefas. *P@rtes*. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em: <www.partes.com.br/cultura/etnolinguistica.asp>. Acesso em 18 ago. 2016.

MEYER, D. E., PARAÍSO, M. A. (Orgs.). *Metodologia de pesquisa pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E. e Paraíso, M. (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

PEDREIRA, S. M. F. *Educação inclusiva de surdos/as numa perspectiva intercultural*. GT: Educação Especial/nº15 – PUC/RIO, 2011. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT15-3014--Int.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 4. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

TEIXEIRA, Vanessa Gomes. A iconicidade e arbitrariedade na LIBRAS. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro: CiFEPiL. [2017?]. ISSN 1413-6457. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/vii_sinefil/COMPLETOS/A%20iconicidade%20e%20arbitrariedade%20na%20LIBRAS%20-%20VANESSA.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2017.